



22 - EDUARDO CAMPOS

CADEIRA Nº 22

PATRONO: JUSTINIANO DE SERPA

EDUARDO CAMPOS

*Manuel EDUARDO Pinheiro CAMPOS, filho de Jonas Acióli Pinheiro e de Maria Dolores Eduardo Pinheiro, nasceu em Guaiuba, então distrito de Pacatuba, no dia 11 de janeiro de 1923. Fez os cursos primário e secundário no Instituto São Luís, no Ginásio Fortaleza e no Liceu do Ceará. Ingressando na Faculdade de Direito do Ceará, bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais em 1948. Durante muitos anos largamente conhecido como radialista e jornalista, tem estado à frente de vários órgãos de comunicação: Diretor-presidente da Ceará Rádio Clube; membro do Condomínio Acionário dos Diários Associados. Ex-diretor dos jornais **Correio do Ceará** e **Unitário**, da Rádio Araripe do Crato e da TV Ceará. No setor público, foi membro do Conselho Universitário da UFC; do Conselho de Cultura do Estado; foi Secretário de Cultura e Desporto nos governos de Virgílio Távora e de Manoel de Castro Filho. É Assessor de Juiz do TRT da 7ª Região e Diretor de Comunicação Social do mesmo Tribunal. Tem participado de congressos de literatura, jornalismo e folclore. Foi Presidente da Academia Cearense de Letras; fundador e primeiro presidente da ACERT (Associação Cearense de Rádio e Televisão); presidente do Sindicato das Empresas Proprietárias de Jornais e Revistas do Estado do Ceará; presidente do Sindicato das Empresas Proprietárias de Emissoras de Rádio e Televisão de Fortaleza. É portador de várias medalhas e diplomas, dentre os quais a Medalha Clóvis Beviláqua, do MEC; a Medalha do Mérito Tamandaré, do Ministério da Marinha; a Medalha do Pacificador, do Ministério do Exército; Amigo da Base Aérea de Fortaleza; Medalha de Honra do Município de Fortaleza; Medalha José de Alencar da Secretaria de Cultura do Estado; Doutor Honoris Causa, pela UFC; Sócio Benemérito da Casa de Juvenal Galeno, da União dos Vereadores do Ceará e da Academia Sobralense de Estudos e Letras; Personalidade Cultural, pela UBE, em 1982; Amigo da*

Cultura, Conselho Estadual de Cultura; Troféu Sereia de Ouro, do Sistema Verdes Mares de Comunicação; Troféu Carlos Câmara, etc. É ainda membro do Instituto do Ceará. Obras publicadas: **Águas Mortas** (1943), **Face Iluminada** (1946), **A Viagem Definitiva** (1949), **Os Grandes Espantos** (1965), **As Danações** (1967), **O Abutre e Outras Histórias** (1968), **O Tropel das Coisas** (1970) e **Dia da Caça** (1980), de contos; **O Demônio e a Rosa** (1948), **O Anjo** (1948), **O Morro do Ouro** (1965), **A Rosa do Lagamar** (1965), **Os Deserdados** (1967), e **A Farsa do Cangaceiro Astucioso** (1985), teatro; **Medicina Popular** (1951), **Estudos de Folclore Cearense** (1960), **Folclore do Nordeste** (1973) e **Cantador, Musa e Viola** (1973), folclore; **O Chão dos Mortos** (1974), e **À Véspera do Dilúvio** (1968), romances; **Complexo de Anteu** (1978), **As Irmandades Religiosas do Ceará Provincial** (1980), **Procedimentos de Legislação Provincial do Ecúmeno Rural e Urbano do Ceará** (1981), **Revelações da Condição de Vida dos Cativos no Ceará** (1982), **Estradas de Ferro de Baturité** (1982), **A Viuvez do Verde** (1983), **Imprensa Abolicionista: Igreja, Escravos e Senhores** (1984), **Capítulos de História da Fortaleza do Século XIX** (1985), **Crônica do Ceará Agrário** (1989) e **A Memória Imperfeita** (1993), ensaios; **Gustavo Barroso: Sol, Mar e Sertão** (1988), **Natanael Cortez e o Ministério da Palavra** (1989) e **O Ideário de Manezinho do Bispo** (1992), biografia; **Na flor da Idade** (1991), memórias. E uma série de outros trabalhos, sem falar nos inúmeros artigos espalhados pelos jornais e pelas revistas. O livro **Os Grandes Espantos** obteve o Prêmio José de Alencar de conto da UFC em 1965; o mesmo prêmio, em 1970, foi conquistado por **O Tropel das Coisas**; Prêmio Cidade de Fortaleza, da Prefeitura Municipal de Fortaleza, de 1987; Melhor Espetáculo, **O Morro do Ouro**, S. José do Rio Preto, SP, em 1971; Prêmio Estado do Ceará, **Ensaio e Estudos Literários**, de 1983. Alguns de seus livros têm várias edições e não poucos foram editados no Rio. Como contista, figura em antologias nacionais e internacionais. Dele, que é ainda membro da ACI, da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e da Academia Cearense de Retórica, disse Adonias Filho: "Eduardo Campos de tal modo ocupa um lugar no moderno conto brasileiro, que será impossível não encontrá-lo nas referências críticas e nas seleções literárias." Eduardo Campos é do Grupo do Clã.

O ABUTRE

A sala estava quase na penumbra.

O ruído que vinha da rua era manso; não conseguia violar o silêncio que havia. Devia chover porque alguém puxou um agasalho para os ombros e fez um gesto de quem sente frio.

Um fósforo foi riscado. O zap! do palito, ao se incendiar naquele silêncio, soou a todos como a explosão de uma bomba. A chama avivou o rosto do cavalheiro de marrom, conferindo-lhe um toque todo especial aos seus olhos tristes. Mas ninguém falou ainda. Apenas u'a mão estendeu o cinzeiro, por mera delicadeza. Nada mais.

Agora, todos podiam ouvir o ruído da chuva no telhado, sentir a presença do vento enfriado que vibrava as cortinas da sala, velhas cortinas bordadas com esmero e estranguladas por laços de fita amarela, desbotada pelo tempo.

A empregadinha, que apareceu à porta do quarto, contou mentalmente o número de pessoas que se achavam com a doente. Eram seis. Seis xícaras de café outra vez! A velha estava de lado, não contava mais. Morria na certa. Se o Dr. Balduino dizia que ela podia levantar-se, convalescer, era por não querer perder a freguesia gorda de quase dez anos. E estirava, estirava...

Ela virou sobre os tacões dos sapatos e, com os seus passos, foi aumentando o ruído que se precipitava agora do telhado para o chão, da rua para dentro de casa.

— Deve ter bastante febre...

Homens e mulheres ergueram a vista a um só tempo.

D. Maria falara mais uma vez. Que força, que coragem! Naquele casarão, há dois dias, desde que a velha adoecera de repente, apenas a sua voz fazia-se ouvir. E como a temiam os outros!

A todo instante, os irmãos expectavam uma acusação. Por isso, não falavam, e só de raro em raro confirmavam a sentença do médico: — o caso é perdido, mas pode ser...

Não é apenas D. Maria que lhes infunde medo. O homem que ali está, parado, absorto, lançando uns olhos maus para os demais, representa o perigo na repartição da herança. Veio de longe, do Rio de Janeiro, logo soube do ataque da mãe. Dizem, e tudo pode ser verdade, que assassinou a esposa friamente, e, em seguida, fugiu para Buenos Aires com a amante.

Na roda familiar houve quem se insurgisse à presença de um filho tão ruim naquela casa de dor. Mas Pedro veio. Apareceu sem se saber como, sem haver telegrama, nada. Chegou ao velho sobrado emparelhado com aquele temporal que desabava sobre a cidade e comunicava a morte, a todos, por um friozinho arrepiante.

D. Maria compreende por que não o querem em casa. A herança da velha fica melhor dividida para seis; tocava uma fazenda de criar para cada filho. Dez léguas de terra e o sítio Felicidade estavam ali esperando a partilha. Era um quinhão gordo, que pertencera a cinco gerações.

E Pedro veio. O abutre estendia agora as suas garras, fazia calar as bocas do ódio, do crime e do embuste.

D. Maria, que não se aliara aos outros, não consentia porém palavra ao intruso. O irmão mais velho representava um perigo mortal para cada um. Viera destruir, simplesmente aniquilar os castelos que eles erguiam. E quando se retirava da sala em que, esquálida, a mãe agonizava, era para armar um golpe, também mortal, contra o irmão indesejável. O abutre precisava ser vencido.

Marieta, a irmã mais nova, rompeu ostensivamente com D. Maria. Só ela, gananciosa como era, poderia ter tido a ingrata idéia de comunicar o desenlace iminente ao irmão. Foi necessário que Anselmo, trêmulo, metido nos seus complexos, receoso de perder o sítio que cuidava há vinte anos, aplacasse a exaltação.

Por isso, nessa noite, naquela sala deserta de vidas, estavam todos mais ou menos rompidos uns com os outros, mas intimamente unidos contra o homem que, de longe, viera perturbar o plano que haviam arquitetado. E o abutre — assim considerado pelos irmãos desdenhosos — continuava imperturbável. Se erguia os olhos, era para desfazer um ou outro murmúrio, inconseqüente, que vagava pelo quarto, ou baixar o olhar rancoroso, mais atrevido, de alguém.

Quando o café chegou à sala, procuraram servir-se todos: estavam ávidos. A verdade é que nenhum deles o desejava tanto. Atropelavam-se, a fugir do silêncio que os envolvia, comprimindo-os mortalmente.

— Açúcar? Mais?

Anselmo respondeu tão alto, aquiescendo, que ele próprio assustou-se. D. Maria pensou consigo mesma: "Não ouviu lhe perguntarem se queria açúcar... Ele entendeu dinheiro".

A bandeja, solenemente, recolheu as xícaras e desapareceu

levada pelas mãos frias da empregadinha. "Diabo de gente esquisita! Que aperreio, meu Deus! Ao menos se a dona da casa morresse logo e eu também entrasse no seu dinheiro! Ah, o dinheiro da velha!"

D. Maria cerrou os olhos à impressão de que Pedro é o demônio em uma de suas mil representações físicas. Num sobressalto, bateu com a mão gelada de medo no rosto de Antonino, o irmão caçula. Este, assustando-se, apavorou a todos num grito que abalou a própria enfêrma. Tremeram homens e mulheres, arrepiados. Menos Pedro, que se mantinha encalmado, os olhos maus, vigiando os outros. Não se mexeu. Nada disse. Escapou-lhe apenas um gesto imperceptível, repreendendo-os.

Antonino mergulhou na poltrona. Anselmo começou a pensar à toa. Então, aquele bandido é quem lhe vinha tirar a fortuna que merecia?! No seu entender, reconhecia-se o mais honesto dos irmãos. Sempre assistira à mãe em todos os momentos, principalmente nas questões de família. Era justo ganhar maior quinhão, ficar com o estoque de aguardente que valia alguns milhares de cruzeiros.

Marcos debatia-se adiante, casmurro, a arrolar compromissos. Na certa, o destino ingrato, àquela hora, vinha truncar-lhe os passos, por intermédio do irmão amaldiçoado, indesejável na família. Ah, vida infame! "Paris... Nápoles..." Instante houve, nesse recordar inconstante, em que não viu na cama a mãe moribunda. Transparecia nela uma criatura mais jovem e linda, a jogar-lhe moedas de ouro aos pés. Inexplicavelmente, ele começou a rir. E rindo estava ainda quando abriu os olhos e viu que o observavam. Teve vontade de dizer que nenhum dos irmãos era menos falso que ele; que estavam todos loucos para ver a mãe morrer, especialmente o abutre, ruim, sórdido, que não falava, silencioso, a vigiá-los.

Felipe ergueu-se da cadeira de embalo e de repente foi ao leito. Precisava ocupar-se em algo, passar o tempo, fugir à tensão. Lembrou-se de tomar a pulsação da velha; anotá-la.

— Deve estar com mais febre...

Antonino desejou um jarro de flores para esborrachá-lo na cabeça do irmão. "Esse infeliz não podia lembrar outra coisa?"

Anselmo girava longe dali. Calculava a reforma do engenho, a safra do próximo ano, a viagem ao Rio de Janeiro, a negócios, claro! Elvira não o acompanharia. Assim ele teria mais liberdade,

mais dinheiro para gastar no jogo.

O remorso acudiu-lhe então. E ele, fazendo-se menos cruel, procurava convencer-se de que a ingratidão à mulher importava pouco. A vida era aquilo. Na desgraça de uns, subiam outros. D. Francisca, por exemplo, vivera bastante. Era justo que morresse, que fosse descansar em paz...

— Sim, descansar. . .

Marcos apanhou o resto da frase. Afinal, a velha descansaria em paz para que todos eles fossem felizes; em particular, para o pagamento das dívidas que fizera.

Diminuiu a chuva. Deixara de soprar o vento. No leito, mexia-se a enferma; eram-lhe incompreensíveis os gestos da mão semiparalisada. D. Maria não a podia ver. Marcos, distante, prendia-se aos seus sonhos, perdia dinheiro em Paris, na Itália... Felipe pedia a mão de Glorinha em casamento. Anselmo gozava as férias, a adiposa mulher chorando (em casa) e ele a gastar ao pé da roleta... Marieta corria, longe; fugia com o namorado aventureiro.

Agora, a chuva cessara de todo. O vento aquietara-se. O silêncio, de repente, foi tamanho, que acordou a todos; e os trouxe do mundo de fantasias em que se haviam metido. Com surpresa, viram então o abutre debruçado sobre a enferma. Uma vela, de chama indecisa, ardia-lhe nas mãos. Um a um, mal despertados, foram-se acercando do leito. Pensamentos estranhos tomavam conta deles, e a dúvida crescia angustiante e única: "Teria aquele desgraçado acabado de matar a velha?"

Já ao pé da cama, sentiram que não existiam; eram simplesmente miseráveis... Aquele homem de feições austeras, silencioso e frio, de vida legendária e infame, tinha os olhos sofridos, enlagramados.

E não foi com a voz de abutre que ele começou a falar, sobrelevando a inquietação de todos:

— Irmãos, choremos. Nossa querida mãe repousa na santa paz de Deus.

Sobre o telhado, em desespero, rebentou outra vez a chuva.

De O Abutre e Outras Histórias (1968).